



A LINGUAGEM DA CERIMÔNIA BETUNGKAL:

UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA¹

Mark Garner (University of Aberdeen, United Kingdom)

Iwan Supardi (University of Aberdeen, United Kingdom)

Resumo: O discurso de rituais é provavelmente uma das manifestações mais claras e mais fundamentais da linguagem em seu ambiente ecológico. Ele simultaneamente manifesta e recria os três sistemas dinâmicos da sociabilidade – comunicação, cultura e comunidade. Neste trabalho, examinamos a linguagem no *betungkal*, uma cerimônia tradicional de unção de Kalimantan Ocidental. A linguagem é caracterizada por padrões complexos, mostrados tanto por constante repetição como variação, e assim demonstra os processos fundamentais da previsibilidade e da criatividade com os quais todas as formas de comunicação linguística operam. É um exemplo paradigmático de como a língua é ensinada e reforçada, como discurso inserido no ambiente, a membros da comunidade de qualquer idade. Ao mesmo tempo, ela inevitavelmente ensina e reforça a identidade da comunidade e seus valores e práticas culturais.

Palavras-chave: abordagem ecológica, unção, arte ritual, betungkal

Abstract: The discourse of ritual may be one of the clearest and most fundamental manifestations of language in its ecological setting. It simultaneously manifests and recreates the three dynamic systems of sociality—communication, culture, and community. In this paper we examine the language in *betungkal*, a traditional anointing ceremony of West Kalimantan. The language is characterized by complex patterning, showing by both constant repetition and variation, and thus demonstrates the fundamental processes of predictability and creativity by which every form of linguistic communication operates. It is a paradigmatic example of how language is taught and reinforced, from discourse as embedded in the environment, to a community's members of whatever age. At the same time it inevitably teaches and reinforces the community's identity and its cultural values and practices.

Keywords: ecological approach, anointing, ritual art, and betungkal

1. Introdução

Neste trabalho, examinamos a padronização da linguagem em *betungkal*, uma cerimônia de unção tradicional praticada entre os povoados malaios da província indonésia de Kalimantan Ocidental. Temos dois objetivos ao fazê-lo. O primeiro é registrar uma cerimônia que, mesmo ainda sendo praticada na região, parece que, como muitas outras cerimônias tradicionais, provavelmente vai desaparecer do uso regular em uma ou duas

¹ Traduzido do inglês por Ronaldo Manguiera Lima Jr. (Universidade Federal do Ceará)

ECO-REBEL

gerações. O segundo objetivo consiste em analisar alguns aspectos da linguagem da cerimônia dentro de uma estrutura ecológica.

As duas principais comunidades indígenas de Kalimantan Ocidental são Dayak e Malay, que formam, respectivamente, cerca de 41% e 34% da população (DALTON, 1995; Dentro da Indonésia 2008). A comunidade em que a cerimônia *betungkal* descrita abaixo foi realizada é a comunidade malaia em Ngabang, uma pequena cidade de cerca de 80.000 pessoas, localizada 178 km a nordeste de Pontianak, capital provinciana de Kalimantan Ocidental. A língua utilizada na cerimônia é um dos vários dialetos malaios utilizados pela província, que são muito semelhantes uns aos outros e ao indonésio Bahasa, a língua nacional.

O estudo é realizado no âmbito de ecologia linguística como elaborado por Garner (2004; 2005), baseado em trabalhos anteriores de Haugen (1972), Haarmann (1986), Mühlhäusler (1996), e outros. Dentro desse quadro, a linguagem é vista como decorrente de seu uso em um ambiente, e é descrita em termos de sua interação com esse ambiente. O ambiente – físico, social e pessoal – é definido por três sistemas da sociabilidade humana: comunidade, comunicação e cultura. A ecologia linguística rompe com uma longa tradição linguística na medida em que não trata a língua como governada por regras, mas como uma forma de comportamento padronizado, com princípios motivadores que são idênticos aos de qualquer outro comportamento significativo. Em uma perspectiva ecológica, a língua é primária e fundamentalmente um comportamento aprendido: é uma manifestação da sociabilidade (principalmente um meio de interação), em vez de um aspecto das estruturas cognitivas humanas. O ecologista da linguagem está preocupado com o que os membros de uma comunidade de fala fazem, e não com o que eles sabem. O ponto final de uma análise linguística ecologicamente orientada não é, portanto, uma gramática abstrata formulada por um conjunto de regras e estruturas, mas um sistema de padrões de comunicação que é dinâmico, holístico, interativo e situado. Tais padrões são caracterizados por uma tensão entre duas tendências compensatórias e mutuamente definidas, cada qual sendo essencial para manter a capacidade de construção de significados, a saber, a previsibilidade e a criatividade, que são consideradas em mais detalhes posteriormente.

Se a linguagem é um (discutivelmente, a) forma de comportamento aprendido *par excellence*, então fica claro que não são simplesmente os padrões de linguagem em si que são aprendidos. A linguagem nunca é – exceto nos "exemplos" inventados em livros de

ECO-REBEL

linguística – encontrada sozinha. Ela é sempre falada (ou, de modo menos importante para os objetivos deste artigo, escrita) por alguém para outra pessoa, num contexto específico, para um finalidade específica, e assim por diante. Uma criança pequena, crescendo em um ambiente social (em outras palavras, sua comunidade), aprende os padrões de interação daquele ambiente na sua totalidade. A língua é inseparável dos hábitos, crenças, suposições e valores culturais e comuns de seu ambiente. Isso indiscutivelmente requer uma quantidade prodigiosa de aprendizagem, o que levou alguns linguistas a rejeitar a noção de que a língua poderia ser meramente aprendida, e deve ser de uma forma ou de outra inata à criança, em algum tipo de "dispositivo de aquisição da linguagem" (por exemplo, RADFORD 1999: 8; YULE, 1996: 175). Não há espaço aqui para argumentar contra esse ponto de vista em detalhe (ver Garner, 2004, capítulo 2, para uma discussão detalhada), mas basta dizer que, por esses motivos, seria necessário também postular um considerável número de outros "dispositivos" inatos para a aquisição de outras capacidades que se manifestam na interação humana. Uma explicação mais simples é que elas são todas aprendidas juntas, como um todo complexo: é isso que é aprender uma língua em seu contexto comunitário e cultural.

Para a criança, tanto a oportunidade como a motivação para aprender e aplicar essas capacidades são enormes. No início de vida, a criança devota cada momento do seu dia para aprender os padrões de comportamento comunicativo. E essa tarefa não é feita sozinha: cada criança é cercada por uma legião de mentores – pais, irmãos, outros parentes, amigos, até mesmo estranhos – que trabalham arduamente para garantir que os padrões comunicativos sejam repetidos infinitamente e que a criança preste atenção a eles. A motivação para dominar os padrões é tão grande quanto a oportunidade. A criança não tem outra opção a não ser tornar-se parte da comunidade em que ela nasceu. Aprender a língua, juntamente com todos os outros comportamentos apropriados, é literalmente uma questão de vida ou morte; sem se encaixar na comunidade, a criança não tem como sobreviver, e muito menos como crescer e se tornar um ser humano completo.

A comunidade é o meio pelo qual a cultura é transmitida de geração em geração. Cada criança não precisa enfrentar o mundo equipada apenas com o que a natureza a dotou; ela não precisa aprender tudo por experiência própria. Ao contrário, ela precisa passar os longos anos da infância e da adolescência aprendendo a cultura de sua comunidade. Embora seja impossível quantificar, muito pouco (talvez nada) do que um ser humano aprende ao longo da vida é aprendido por interação direta e não-mediada com o ambiente.

A aprendizagem é quase sempre guiada – e desviada – por algum conhecimento prévio adquirido por meio da cultura da comunidade.

Os meios pelos quais a sociabilidade é ensinada através dos sistemas de cultura, comunidade e comunicação podem ser extraordinários, mas eles não são obscuros. Eles podem ser observados constantemente em cada interação. Certas práticas, no entanto, funcionam mais claramente do que outras para desenvolver a sociabilidade, e bons exemplos são vistos nos discursos altamente padronizados e repetitivos encontrados em todas as culturas: por exemplo, poesia, música e histórias tradicionais. Tais discursos enfatizam a padronização da linguagem, e assim exercem uma função educativa específica. O ritual ou a cerimônia, também aparentemente universal, é outro exemplo desse tipo de discurso.

2. Rituais e a Linguagem de Rituais

O ritual é uma parte importante dos processos de sociabilidade, e pode ser visto como desempenhando um papel significativo nos três sistemas gerais mencionados acima.

Putter (1996, p.5) descreve cinco funções do ritual:

1. Estabelecer a ordem: o ritual cria uma mesmice e familiaridade, estabelecendo previsibilidade nas ordens sociais e na experiência.
2. Reafirmar as estruturas de significado centrais da comunidade; principalmente em relação a questões fundamentais relacionadas a vida e morte, amor e mal, origem e destino da raça humana e do universo.
3. Unir a comunidade: o ritual constitui símbolos e ações compartilhados que unem uma comunidade por meio tanto da aparência como da experiência de agir como um.
4. Proporcionar um modo seguro de expressão de emoções conflitantes ao permitir que haja um espaço simbólico para os sentimentos em vez de imputar sentimentos.
5. Encontrar mistério e vislumbrar o poder do todo-poderoso.

Funções semelhantes são descritas por Endicott (1970), mas, surpreendentemente, nenhum dos autores menciona a inculcação da linguagem. Mesmo assim, o padrão contínuo do ritual contempla os objetivos simultâneos de manifestação e de reforço dos três sistemas da sociabilidade: cultura, comunidade, e – como iremos demonstrar – comunicação (em especial, a comunicação linguística). Harvey (1990) argumenta que o papel geral do ritual é estabelecer elementos de previsibilidade, articulando as normas

sociais e regulando o comportamento social. Mas ele também fornece uma libertação segura da tensão social, um tempo e lugar para ser desviante, e para reafirmar o *status quo* ao fornecer uma alternativa temporária e sancionada. Esses dois processos de previsibilidade e criatividade, que são discutidos mais detalhadamente a seguir, também são fundamentais para a linguagem humana. O ritual também é, portanto, um importante professor de língua, incorporado (como a língua sempre deve ser) na ecologia do seu uso. A linguagem do ritual é um excelente paradigma da ecologia da língua na prática. Ela demonstra uma forma de discurso que não é o mesmo da maior parte do uso diário, mas que também não é separado dele. Ela pode ser, na verdade, uma das manifestações mais claras e fundamentais da língua em seu ambiente ecológico. O mesmo se aplica à poesia (GARNER, 2003), mas esse tema está fora o escopo deste artigo. Este é o nosso pano de fundo para a análise da cerimônia *betungkal*.

3. A Cerimônia *Betungkal*

A cerimônia de unção *betungkal* descrita aqui foi realizada com um dos autores, Iwan Supardi (referido aqui como "sujeito"), por ocasião de seu retorno à sua comunidade de origem após uma longa ausência no exterior. O *betungkal* é, na verdade, uma parte de duas atividades inseparáveis da cerimônia completa, o *betungkal* e o *pentawar*. As duas partes são distintas principalmente pela língua utilizada para os ritos. A primeira é majoritariamente realizada no dialeto malaio ngabang, enquanto que a segunda é recitada em árabe, que é utilizado para rituais islâmicos. No *betungkal*, o executante tem mais liberdade para brincar com a língua para dar um efeito artístico, uma habilidade que é aprendida por treinamento e prática diretos, embora informais. A linguagem utilizada no *pentawar*, por outro lado, é rígida na sua padronização e fechada a manipulação: ela é, em outras palavras, previsível, mas não criativa.

A palavra *betungkal* é derivada da raiz *tungkal*, que significa "ungir". A cerimônia consiste na unção de partes específicas do corpo do sujeito com as misturas dos materiais descritos abaixo, com o acompanhamento de "encantos". Ela é realizada principalmente antes do casamento e de cerimônias de circuncisão, ou no terceiro ou sétimo dia após um funeral. Ela pode, no entanto, também ser realizada em eventos excepcionais: um escape de um perigo bem sucedido; uma graduação; uma promoção no trabalho (essas duas últimas funções demonstram a capacidade criativa da comunidade de adaptar a cerimônia

ECO-REBEL

para a sua ecologia moderna); ou, como no caso examinado aqui, o retorno de um membro da família após uma longa ausência.

O anfitrião convida as pessoas que são consideradas especialistas em cerimônia (geralmente mulheres mais velhas com uma relação estreita com a família) para realizar a cerimônia em sua casa. Os especialistas prepararam os materiais a serem utilizados. Itens imprescindíveis: recipiente para as misturas; um punhado de cordas; um feixe de ferro e madeira fundidos; e uma pequena cesta rasa, que geralmente pertencem ao executante. Outros materiais são feitos na hora: uma mistura de arroz e açafrão; uma solução de especiarias em água de arroz-farinha; e folhas enroladas para serem utilizadas como ferramentas de unção.

Quando o executante está pronto, o sujeito se senta no chão, e o executante começa molhando as três ferramentas da unção (o punhado de cordas, o feixe de ferro e madeira, e as folhas enroladas) na água de farinha. Enquanto entoa encantos, o executante unge partes específicas do corpo do sujeito em uma ordem. Primeiramente é a cabeça (testa, bochecha e queixo), depois o peito, boca do estômago, estômago, costas, costas e peito (simultaneamente), braço direito, braço esquerdo, palmas das mãos, costas das mãos, joelhos, e peitos dos pés.

O executante depois usa todos os itens preparados, tais como o punhado de cordas, o feixe de ferro e madeira, uma cesta rasa e arroz amarelo. O punhado de cordas é esfregado para cima e para baixo repetidamente nos peitos dos pés do sujeito. Após concluir essa etapa, o executante muda para o feixe de ferro e madeira. O executante pede para o sujeito morder esse feixe suavemente e imediatamente o leva para os peitos dos pés. Uma cesta rasa é balançada várias vezes ao longo do corpo do sujeito. Finalmente, invocando a alma do sujeito, o executante salpica o arroz amarelo sobre a cabeça e sobre o corpo do sujeito. Todos esses movimentos simbólicos são acompanhados de canto.

A cerimônia não parece ser concebida como uma forma de magia, mas é na verdade uma arte ritual específica, destinada a fazer com que propriedades relacionadas funcionem de maneira natural, com as capacidades do executante com seus padrões de linguagem de alcançar os desejos comuns da comunidade para o sujeito. Esses desejos estão relacionadas ao equilíbrio da vida – na natureza e nos seres humanos, por meio de relações econômicas e políticas. Eles são expressados por meio da entoação do discurso durante a unção das partes do corpo descrita acima, que instrui simultaneamente o sujeito e o

ambiente natural, como eles se manifestam na vida pessoal do sujeito, através de relações espirituais, sociais, políticas e econômicas.

4. A Linguagem do *Betungkal*

Todos os rituais são caracterizados por aspectos linguísticos distintos, tais como padronização fonológica e sintática, e uso de linguagem figurada. Neste exemplo, itens lexicais (principalmente termos diários) do ngabang malaio são repetidos dentro de alguns padrões sintáticos, e o todo é cantado de maneira rápida em um único tom alto. O discurso compreende um conjunto de desejos para que a pessoa ungida seja segura, saudável e rica; para que ela tenha a bênção de filhos e de proteção de perigo, calamidade, irritação, preocupação, tristeza, e muitas outras dores de Deus. Eles são acompanhados pelos vários atos simbólicos descritos: ungir as partes do corpo na sequência determinada; morder suavemente o feixe de ferro e madeira, levando-o repetidamente até o peito do pé do ungido; salpicar arroz amarelo. O objetivo final de toda a cerimônia é buscar o equilíbrio da vida entre os seres humanos, animais e a ordem cósmica sobrenatural.

O *betungkal* não é uma cerimônia longa; no caso em análise, ele durou cerca de 15 minutos. Ele pode ser dividido em cinco partes, parcialmente sequenciais e parcialmente sobrepostas, de acordo com as funções macro do discurso:

1. invocação
2. bênção
3. contagem
4. exortação
5. encerramento

A *invocação* invoca a presença de Deus e da alma errante. As partes da *bênção* são predominantes, e serão consideradas mais detalhadamente a seguir. A *contagem* ocorre em várias partes da cerimônia, compreendendo os números de 1 a 7, com as vogais do último número sofrendo um grande alongamento – provavelmente com a intenção de capturar o espírito errante. A *exortação* tem a forma de incentivo para o sujeito e os espíritos tomarem certas ações. O *encerramento* retoma vários elementos da invocação e sinaliza a conclusão da cerimônia, retornando para o ponto de partida.

ECO-REBEL

Há espaço aqui para examinar apenas algumas partes dos padrões do discurso do *betungkal*, mas elas podem ser tomadas como típicas do todo em termos do que elas revelam sobre suas funções ecológicas. As bênçãos têm uma forma semântica básica, que pode ser facilmente resumida na fórmula

p + o

Aqui, **p** representa os nomes das partes do corpo sendo abençoadas, como *kening* 'testa', *jagó* 'queixo', ou a pessoa como um todo, por exemplo *aku* 'eu'. O **o** representa o resultados pretendido associado a essa parte do corpo – quer pela inclusão de coisas boas a serem buscadas, como *untóng* 'fortuna' e *sabar* 'paciência', ou pela exclusão de coisas ruins, por exemplo *sial* 'azar' e *badi* 'mau-olhado'. Por exemplo:

| | | | | |
|---------------|------------------|-----------|-----------------|-------------|
| <i>tangan</i> | <i>kanan kau</i> | <i>tó</i> | <i>mangkó</i> | <i>uang</i> |
| braço | direito você | isto | por em seu colo | dinheiro |

este seu braço direito ponha dinheiro em seu colo

| | |
|---------------|---------------------------|
| <i>mangkó</i> | <i>Réal</i> |
| | <i>Réal</i> (moeda árabe) |

| | |
|---------------|---------------|
| <i>mangkó</i> | <i>nyaman</i> |
| | prazer |

| | |
|---------------|---------------|
| <i>mangkó</i> | <i>senang</i> |
| | felicidade |

| | |
|---------------|----------------|
| <i>mangkó</i> | <i>sehat</i> |
| | saúde corporal |

| | |
|---------------|--------------|
| <i>mangkó</i> | <i>afiat</i> |
| | saúde mental |

| | |
|---------------|--------------|
| <i>mangkó</i> | <i>bijak</i> |
|---------------|--------------|

ECO-REBEL

sabedoria

mangkó *kaya*
riqueza

mangkó *rayé*
fertilidade

mangkó *rimbun*
‘folhagem densa’ [símbolo de abundância]

mangkó *beruntóng*
fortuna

tangan kiré *kau* *tó* *ngibaskan* *sial*
braço esquerdo você isto varrer azar
(*Que*) *este seu braço esquerdo varra o azar*

celaka
sobre o infortúnio

keserik
possessão demoníaca

nang sial
isto [que é] má sorte

nang sakit
aquilo que machuca

nang mentak
aquilo que é dor aguda

ECO-REBEL

nang idap

aquilo que é sofrimento crônico

nang badi

aquilo que é mau-olhado

nang rawá

aquilo que é mau presságio

nang ntungkal

aquilo que são golpes sobrenaturais

O que está acontecendo demonstra a interação simultânea dos padrões linguísticos com todos os três sistemas de sociabilidade. A comunidade está sendo reforçada com cada repetição. Executante, sujeito e observadores estão unidos com um interesse mútuo por meio de uma ordem social realizada em várias categorias culturalmente definidas: aqueles que têm a autoridade de abençoar, aquele para quem é apropriado para receber a bênção, e aqueles que endossam as bênçãos por sua presença. O sujeito não é simplesmente um indivíduo que passa por uma experiência sensorial específica – como acontece, por exemplo, onde rituais tradicionais são realizados para turistas. Em um ritual vivo, o indivíduo existe através da comunidade, que define quais são as etapas significativas da sua vida, e lhe dá reconhecimento e sanção adequados.

Ao mesmo tempo, e de maneira inseparável, os valores culturais são inculcados e ensaiados. A mão direita é positiva, e espera-se que ela receba coisas boas para o sujeito, enquanto a esquerda, a mão negativa, varre as coisas ruins para longe. Enquanto há um simbolismo nítido aqui, há algo mais imediato também. Os mundos natural e espiritual são inextricavelmente ligados ao corpo humano. As ações dos espíritos e de Alá, que foram invocados na abertura da cerimônia, serão manifestadas no corpo, e, ao ungir cada parte do corpo, o executante está tanto carregando-o com uma responsabilidade sobre o destino do sujeito como santificando-o para participar dos processos sobrenaturais de vida comunal.

Enquanto que nas religiões ocidentais, mais claramente no cristianismo, a alma é vista como claramente definida e distinta do corpo, em muitas outras a alma e o corpo não são

ECO-REBEL

considerados separados um do outro. O *semangat* (que, com esta ressalva, nós traduzimos como "alma") é normalmente reconhecido em comunidades malaias, principalmente em práticas sacramentais, e é também um importante princípio do pensamento oriental e primitivo em termos mais gerais (ENDICOTT 1970: 28ff). Na crença malaia, o *semangat* é ao mesmo tempo espiritual e corporal – o que poderia ser descrito como "substância-alma".

No *betungkal*, materiais como arroz, água, dinheiro, etc., utilizados ou conclamados no *betungkal*, representam os três reinos da natureza: animal, vegetal e mineral, juntamente com os quatro elementos naturais: terra, água, fogo e ar. O uso ativo ou invocação desses ingredientes, que se associam a partes do corpo por meio de um ato criativo e imaginativo (ou talvez sacramental), assegura a harmonia da alma e do corpo e, assim, enfatiza e reforça sua unidade. No entanto, o *semangat* é visto como uma unidade múltipla – variando entre sete em um ou três em um – como refletido nas sequências de contagem que ocorrem em vários momentos da cerimônia:

Sá, duá, tigé, empat, limá, enam, tuuuuuuuujóh

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, se-e-e-e-te

As funções discursivas se assemelham a duas funções-chave da poesia mântica malaia-indonésia, na qual, de acordo com Junus (1983), existem processos gêmeos de *rayuan* 'persuasão' e *perintah* 'comando'. O sobrenatural, Junus diz, deve ser persuadido primeiro, em seguida ordenado a cumprir os pedidos humanos. No *betungkal* isso é feito ao invocar a alma errante. O *semangat* pode deixar o corpo voluntariamente e juntar-se a objetos, e deve ser conclamado – tanto persuadido como ordenado – a restabelecer um equilíbrio que foi perturbado. Esse objetivo é evidente desde o início do *betungkal*. Logo após a dedicação islâmica a Alá, a testa é ungida e a alma é convocado para voltar ao corpo:

Buuuuuuuurá

Ve-e-e-e-nha!

Mais adiante na cerimônia, a sequência de unção, que é finalizada usando o punhado de cordas, termina com uma invocação semelhante:

Kuuuuuuuur semangatté

Ve-e-e-e-nha (sua) alma!

Uma vez que a alma se reuniu ao corpo, um futuro abençoado pode ser percebido, como na secção inicial, em que a testa – o locus das percepções – é ungida:

Kening tinjau

‘Testa, prever’ (ou: A testa prevê)

Nian tinjau

‘Testa, preveja’

Ninjau untóng

‘Preveja fortuna’

Ninjau tuah

‘Preveja boa sorte’ ... etc.

Embora a entidade espiritual, a alma, é o destinatário imediato dessa seção (e, provavelmente, ao longo de toda a cerimônia), o papel das outras partes também é central. O *betungkal* é realizado sobre o sujeito, na presença de outras pessoas selecionadas. O sujeito (como o locus dos processos espirituais-corporais que estão ocorrendo), e os espectadores (como representantes da comunidade inteira) também estão sendo abordados. Os três processos dinâmicos que compõem a ecologia da língua estão, portanto, em clara evidência. O ritual – um elemento importante da cultura – é um ato de comunicação que une a comunidade na forma do sujeito, dos outros membros, e dos habitantes do mundo espiritual. O sujeito é, desse modo, informado das aspirações da comunidade para ele; como elas devem ser apropriadamente expressadas; e, no ato de expressão, manifestadas. A ecologia da comunicação e, portanto, seu efeito, seriam muito diferentes se os espectadores fossem pessoas de fora, como visitantes de outra aldeia, turistas ou antropólogos.

5. Previsibilidade e Criatividade

ECO-REBEL

Um princípio ecológico importante é a interação entre dois processos fundamentais pelos quais padrões são criados: previsibilidade e criatividade (Garner, 2004: caps 4 e 5). Essa interação é uma característica de todo comportamento comunicativo, mas é mais claramente exemplificada no discurso falado, que é o nosso foco aqui. O elemento linguístico básico dentro de qualquer discurso é a oração, e a totalidade da língua compreende um grande número de padrões básicos de oração que se repetem continuamente, garantindo, assim, a previsibilidade. A fim de identificar-se e comunicar-se uns com os outros, membros de um comunidade de fala têm que confiar em um repertório de padrões compartilhado (porém reconhecido subliminarmente) que formam seu "mundo" hermenêutico comum (PALMER 1969; GADAMER, 1979). Se não fosse pela natureza altamente previsível da padronização da linguagem, os papéis de falante e ouvinte seriam, para todos os efeitos práticos, impossíveis (GARNER 2004: 136-140).

O outro processo fundamental no comportamento da linguagem é a criatividade – a capacidade de um falante variar os padrões estabelecidos em qualquer momento e de acordo com a situação específica, a fim de expressar significados novos e importantes. O fato de qualquer padrão de linguagem poder ser alterado significa que, com a exceção de alguns tipos específicos de discurso, a língua nunca é totalmente previsível. Isso lhe dá o potencial de ser significativa. Mesmo quando um padrão previsto é utilizado, o fato de o falante poder tê-lo modificado, mas optou por não fazê-lo, o torna significativo. Além disso, até mesmo as variações de padrão são limitadas: não se pode comunicar de forma eficaz simplesmente dizendo qualquer coisa aleatoriamente.

Esses dois processos de previsibilidade e criatividade são essenciais: sem qualquer um deles, a comunicação interpessoal genuína seria de fato impossível. Tanto os conjuntos de padrões como suas variações têm de ser aprendidos, é claro. A criança aprende isso conforme ela aprende a língua materna através da interação com a comunidade de fala. (O mesmo acontece, embora com processos bastante diferentes, com alunos mais velhos de uma língua estrangeira.) Uma forma significativa com a qual a criança é ajudada a aprender os padrões, suas variações, e suas relações com o contexto é a linguagem de rituais e cerimônias, razão pela qual ela é encontrada em todas as sociedades. A cerimônia *betungkal* cumpre, assim, uma função ecológica vital.

De um ponto de vista, o *betungkal* é um meio de conectar a comunidade com o mundo espiritual. De outro ponto de vista, ele reforça a identidade comunal: aqueles que

ECO-REBEL

compartilham os padrões da linguagem compartilham a vida da comunidade. Ainda por outro ponto de vista, ele é uma expressão da cultura, bem como um meio de inculcar a cultura nos mais jovens. É claro que, na verdade, ele serve a todas essas funções simultaneamente. Uma simplesmente não pode ocorrer sem a outra. Isso é o princípio central da ecologia linguística.

Os aspectos culturais do ritual, principalmente em comunidades que são majoritariamente ou inteiramente orais, têm sido extensivamente estudados em disciplinas tais como antropologia, sociologia e religião. Menos atenção, entretanto, tem sido dada ao seu propósito de ensinar o jovem a se comunicar na linguagem, ao exemplificar e reforçar os padrões e as variações. A cerimônia *betungkal* ilustra isso muito claramente. Sua linguagem altamente padronizada, quase hipnótica, une esses sistemas de comunicação, cultura e comunidade. Cada variação do executante – como mostrado na nossa discussão anterior da fórmula **p + o** – demonstra os padrões subjacentes da língua malaia ngabang. Ela também mostra, contudo, que, mesmo em uma cerimônia altamente previsível, essa variação é limitada. Por exemplo, as possíveis formas de **p** são restritas às partes do corpo que são consideradas na cultura como vitais (testa, bochecha, queixo, peito, e assim por diante). As formas de **o** são restritas a algumas dezenas de palavras ou frases relacionadas (tanto positiva como negativamente) a fortuna, sorte, sabedoria, fertilidade, saúde, e assim por diante. Até certo ponto, então, até mesmo as variações estão sujeitas a padronização sobre o discurso como um todo. Mas esse nível superior de padronização não é rígido. Embora as diversas formas de **o** possam ser preditas de um modo geral, elas não ocorrem em todas as fases da unção, nem necessariamente ocorrem na mesma ordem de um estágio da unção para o próximo. O executante da cerimônia tem a liberdade de selecionar aquelas que quer, e usá-las na sequência que desejar.

Um resultado da criatividade é que a língua de uma cerimônia – e, na verdade, de todas as formas de discurso na comunidade – muda ao longo do tempo. Nos casos em que algum tipo de registro está disponível, as alterações podem ser descritas. A forma mais definitiva é a escrita ou, mais recentemente, áudio ou filmagens, mas muitas vezes os elementos dos padrões linguísticos podem fornecer pelo menos um pequeno vislumbre de mudanças que aconteceram. Alguns exemplos são claros no *betungkal*. Mesmo que seja manifestamente um produto de uma ecologia caracterizada por uma cultura animista, o *betungkal* incorporou elementos do Islã, que teriam entrado no ecologia cerca de cinco a sete séculos atrás. Várias das fases são iniciadas com a dedicação islâmica *bismillahirrahmanirrahim*

ECO-REBEL

("Em nome de Alá, cheio de graça e misericórdia"). Alguns dos elementos **o** também são de origem islâmica, ocasionalmente utilizados juntamente com o elemento indígena correspondente:

Nantai uang

‘cálice para dinheiro’

Nantai Réal

‘cálice para Réal’ moeda árabe

Ati ngáji

‘coração da declamação Quran’

Ati sembayang

‘coração da oração’

Ati kitab

‘coração do livro’

Ati Koráán

‘coração do Quran’

6. Conclusão

Esperamos ter demonstrado, por meio desta breve descrição do *betungkal*, o papel vital do ritual e da cerimônia na ecologia da linguagem. O discurso simultaneamente manifesta e (re)cria os três sistemas dinâmicos da sociabilidade – comunicação, cultura e comunidade. A língua, que é caracterizada pela padronização complexa e completa, é distintamente tanto ritualística como típica do uso da linguagem em todas as formas de discurso. Ela é distinta, por exemplo, na fonologia (é falada rápida e em um único tom alto) e na sintaxe e léxico (um grupo limitado de itens lexicais são substituídos uns pelos outros dentro de algumas estruturas de oração). Isso é típico, uma vez que demonstra, embora mais claramente do que em interações cotidianas, os processos fundamentais de previsibilidade e criatividade pelos quais toda forma de comunicação linguística opera – na verdade, que fazem a comunicação possível. A linguagem do *bentungkal* também

fornece um exemplo paradigmático de como a língua é ensinada e reforçada, através de um discurso inserido no ambiente, a membros de uma comunidade de qualquer idade. Ao mesmo tempo, ela inevitavelmente ensina e reforça a identidade da comunidade e seus valores e práticas culturais. A linguagem utilizada nunca pode ser compreendida separadamente da ecologia da sua utilização.

Referências

- COLLINS, J. *Contesting Straits-Malayness: The fact of Borneo*. *Journal of South East Asian Studies* 32, 2001, p. 385-395.
- DALTON, B. *Indonesia Handbook* (6th edn.). California: Moon Publications, 1995.
- ENDICOTT, K.M. *An Analysis of Malay Magic*. London: Oxford University Press, 1970.
- GADAMER, H-G. *Truth and Method*. London: Sheed and Ward, 1979.
- GARNER, M. *Between Stagnation and Chaos: Predictability, Creativity, and Meaning in the Language of Poetry*. *Journal of Language and Literature* 1/1, 2003.
- _____. *Language: An Ecological View*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- _____. *Language ecology as linguistic theory*. *Kajian Linguistik dan Sastra* 17/33, 2005, p. 91-99.
- HAARMANN, H. *Language in Ethnicity*. Contributions to the Sociology of Language v. 44, Berlin: Mouton de Gruyter, 1986.
- HARVEY, L.C. *Temporary insanity: fun, games, and transformational ritual in American music videos*. *Journal of Popular Culture* 24/1, 1990, p. 39-64.
- HAUGEN, E. "The ecology of language". In: DIL, A. (ed.) *The Ecology of Language: Essays by Einar Haugen*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- HOCKINGS, P. (ed.). *Encyclopedia of World Cultures: East and Southeast Asia*. Boston, Mass: G.K. Hall, 1993.
- JUNUS, U. *Dari Peristiwa ke Imajinasi; Wajah Sastra dan Budaya Indonesia*. Jakarta: PT Gramedia, 1983.
- MÜHLHÄUSLER, P. *Linguistic Ecology: Linguistic Change and Language Imperialism in the Pacific Region*. London: Routledge, 1996.
- PALMER, R. E. *Hermeneutics*. Evanston: Northwestern University Press, 1969.
- PUTTER, A.M. *The Memorial Rituals Book for Healing and Hope*. New York: Baywood, 1996.
- RADFORD, A. *Linguistics: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- YULE, G. *The Study of Language*, 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.